

MERCADO DE TRABALHO/ENSINO SECUNDÁRIO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

# Jovens médicos desafiam ministra

O próximo internato geral começa amanhã e terá a duração de 23 meses, estabeleceu uma portaria da ministra da Saúde publicada dia 29.

A portaria acrescenta que os dois últimos meses serão «destinados a conclusão do processo de colocação como clínicos gerais ou internos» dos jovens médicos.

«Os internos do internato geral de 1984 / 85 poderão manter-se ao serviço até à conclusão do processo respeitante a esse internato de colocação como clínicos gerais ou internos do internato complementar», diz o diploma, publicado com a data de 22 de Janeiro.

A frequência do internato geral obriga a um horário de

trabalho de 36 horas semanais. Entretanto os médicos internos gerais da Região Sul decidiram em plenário convocar uma greve de 48 horas, com início às zero horas do dia 3 de Fevereiro.

Com a greve, os cerca de 1200 jovens médicos querem reforçar as suas reivindicações, recusando totalmente o esta-

tuto que a ministra da Saúde pretende impor aos internos gerais».

Os jovens exigem também «a execução de um estatuto real das necessidades em saúde, do País.

Os jovens médicos lutam pelo «direito ao trabalho de todos os médicos» e alegam que, «nas condições actuais: o Estado tem

obrigação de lhes assegurar o pleno emprego, tanto mais que a situação da saúde em Portugal o justifica».

A posição agora assumida constitui ainda um protesto contra «a prepotência revelada pela ministra da Saúde na sua recusa à negociação com os órgãos representativos dos jovens médicos».

## Haja saúde

O primeiro erro político de Cavaco Silva chama-se Leonor Beleza. Ao tê-la escolhido para ministro da Saúde esqueceu que nunca, no passado recente, se lhe conheceu qualquer trabalho de vulto sobre os problemas da Saúde em PORTUGAL, que a sua formação intelectual se situa por forma restrita no campo jurídico (não a favorecendo como gestora tecnocrática dos hospitais públicos) e que, finalmente, a sua passagem pela Segurança Social foi menos que mediocre, se bem que se pretendesse autopromover sem êxito, através de espantosas fiscalizações demagógicas sem resultados práticos.

Não é de hoje, nem de ontem, que se sente a necessidade duma profunda e bem estudada Reforma do Sistema de Saúde Pública no nosso País. A situação actual (se bem que um pouco recuperada no último decénio) não agrada aos médicos, nem aos doentes, ao pessoal administrativo e às restantes entidades que intervêm em tão melindrosa questão. Nunca se fez um inquérito sério e exaustivo às reais carências hospitalares e a senhora da Saúde, talvez por falta de fôlego para se abalancar às medidas fortes que um dia alguém terá de tomar, decidiu iniciar o seu tão pouco promissor mandato por um ataque aos mais fracos ou sejam os jovens médicos que pretendem iniciar uma carreira cheios de entusiasmo e vontade de servir. Se filosoficamente se define a cobardia como o acto indigno de, por se temer o mais forte, descarregar a impotência sobre alguém mais fraco, não se dignifica um Governo que se pretende aparentar corajoso com actos desta natureza que não enaltecem ninguém.

É público e notório (e a senhora da Saúde tem obrigação de o saber) que existem directores de serviços hospitalares que usam os hospitais do Estado como prolongamento dos seus consultórios privados. Que alguns operam os seus doentes particulares nos hospitais civis. Que outros manobram para que estes não sejam dotados com aparelhagem electrónica sofisticada precisamente para poderem canalizar os doentes estatais para os seus consultórios particulares. Mais mil irregularidades que, somadas, reduziram os hospitais do Estado à degradação que o Público conhece e contra o qual tanto se queixa.

A impressão que se colhe do Governo de Cavaco Silva é que pretendia atacar os caneros fulcras que, incrustados na sociedade Portuguesa, a impedem de progredir para os patamares de bem-estar a que legitimamente todos temos direito. Não são os jovens médicos quem corrompem e infectam os circui-

tos da Saúde Pública em PORTUGAL. Para além de outras influências negativas, estruturais e não só, os hospitais civis jamais funcionarão razoavelmente bem enquanto o Estado não disciplinar os desmandos imorais de certos tubarões que usam o sistema hospitalar para imoralmente aumentarem os seus escandalosos lucros, desvirtuando a Medicina (que deve ser uma actividade nobre e humanamente dignificada) numa negociação de milhares de contos por mês em que os doentes deixaram de ser encarados como seres humanos para serem vistos, apenas, como fontes geradoras de dinheiro a cobrar.

Sempre aqui defendemos a Medicina Privada. Mas, para quem não tem posies para recorrer ao seu serviço de melhor qualidade, para quem tem absoluta necessidade de ser obrigado a utilizar os esquemas estatais, há que garantir o funcionamento destes por forma a minimizar as reclamações e, gastando-se o menos dinheiro possível, otimizar os padrões da Saúde.

O caso dos jovens médicos veio pôr em cheque a credibilidade política de Cavaco Silva em consequência do erro e da precipitação da jovem e inexperiente ministra Leonor Beleza. É que, na ânsia de apresentar demagógicas e imediatas poupanças, ela está, para além da indignidade de cometer uma injustiça, a baixar ainda mais a qualidade da saúde hospitalar já de si tão combatida. Por outro lado (e em plena campanha eleitoral) acabou por mostrar que, enquanto a Esquerda socialista sempre abriu as portas da Esperança e da carreira médica aos jovens médicos, o ministro da burguesia se apresentou arbitrariamente na televisão com uma arrogância democraticamente inadmissível. Fugindo medrosamente ao debate público proposto pelos médicos, através do qual se pretendia repôr a Verdade adulterada e cabalmente esclarecer a Opinião Pública que, com amargura, se queixa dos maus hospitais que tem e que paga (com língua de palmo) através das contribuições e impostos. Fugir ao debate leva a pressupor que a ministro errou. E, por teimosia, não quer dar o braço a torcer...

Não foi por acaso que escreveu ser Leonor Beleza o primeiro erro político de Cavaco Silva. Não foi por acaso que me não debrucei sobre as eleições. É que tendo acompanhado, ao longo de mais de trinta anos, o irresponsável desprezo com que os governantes sempre trataram a problemática da Saúde em PORTUGAL (contemporizando e temendo uma minoria de tubarões da Medicina e jamais protegendo a esmagadora maioria de médicos esforçados e dignos que de alma e coração se dedicaram aos

doentes dos hospitais e das antigas Cuijas de Previdência) me fere que, para tão magna e delicada questão, o Primeiro-Ministro não tenha escolhido alguém com mais cálio, experiência, e saber, entregando a pasta da Saúde a uma jovem licenciada em Direito que, talvez por estar fora da sua especialização, começa a mostrar a tremenda fragilidade duma actuação impensada e a provocar protestos generalizados e justos em todos os hospitais de Norte a Sul do País. É que a jovem e inexperiente Beleza que Cavaco em má hora pôs à frente da controversa Saúde em Portugal esqueceu que «a trabalho igual, salário igual» e que salário é bastante mais que uma simples paga em dinheiro, por se projectar (como um todo de regalias sociais) sobre a Dignidade do trabalhador, o qual é bastante mais que uma simples unidade de produção perdida no gigantismo duma fria máquina de trabalho, desumana e impessoal.

Nenhum Governo, nenhum Primeiro-Ministro, se dignificam com actos de cobardia. É pela raiz (e não pelas contas dos ramos) que convém tratar as graves doenças das árvores. Creio sinceramente que Cavaco Silva é um bem intencionado que pretende concretizar as reformas estruturais de que a sociedade Portuguesa tanto carece depois de onze anos de irresponsabilidade democrática. Mas são os maus colaboradores quem deitam abaixo as boas intenções dos Primeiros-Ministros. Marcello Caetano entendeu-o tarde de mais. E Margaret Thatcher só agora o começa a compreender...

Nenhum Governo, nenhum Primeiro-Ministro, se dignificam com ministros teimosos que não sabem (humildemente) reconhecer os seus erros e corrigir as atitudes pouco pensadas, medrosas ou derivadas de ímpetos juvenis que um pouco mais de idade e de saber poderiam ter evitado. É grave, sobretudo, não se darem alternativas válidas aos jovens médicos que, baseados em práticas legais do passado recente, constituíram família e aceitaram encargos. É que, senhor Primeiro-Ministro, não há o direito duma licenciada em Direito insistir na teimosia arrogante de negar o pão aos jovens clínicos que querem começar a trabalhar, para favorecer a manteiga dos ricos e poderosos contra quem a senhora da Saúde não quer assumir a coragem dum ataque frontal, retirando-lhe privilégios, exigindo-lhes o integral cumprimento das suas obrigações, impedindo-lhes as práticas menos correctas que impunemente praticam. Respeitemos a Juventude. Não só para lhe caçar votos. Mas, acima de tudo, para lhes arranjar e garantir os empregos. A Beleza passa. A Justiça é eterna. Haja saúde...

Dia

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30

X

Mercado de trabalho